

## As "fôrças-vivas", que erigiram as suas fortunas sobre os cadáveres que tombaram nos campos da Flandres, permitiram-se o arrôjo de especular com as suas vítimas para favorecer os seus mesquinhos interesses

O órgão das fôrças vivas publicava ontem uma nota oficiala da polícia que afirmava que todos os indivíduos deportados tinham várias prisões. O critério dos orientadores daquele jornal que apregoa a regeneração da pátria pelo predominio dos banqueiros e dos comerciantes pauta-se pelo critério obtuso dos cabos de esquadra.

Se o nome de um advogado não figurasse como director da referida gazeta ainda se admiraria a *gaffe*. Mas não, é um advogado, um homem que cursou em Coimbra, que estudou leis, que tem obrigaçao de conhecer os mais elementares problemas do Direito, que se permite insultar homens que não foram sequer à presença dos tribunais, fazendo fé pelo que à polícia apetece inscrever nos cadastros do Governo Civil. E' o homem que tanto pugna pelo respeito da lei que infringe publicamente as mais rudimentares normas de Direito, acusando criaturas sobre cujos prováveis delitos a justiça não se pronunciou ainda.

Mas, quando a má fé e o ódio vago animam o adversário éle não se importa de passar por ignorante e estúpido, só para alimentar o repugnante capricho de sustentar uma acusação. E' o caso do director do *Seculo*. Ele não assinou o artigo porque um bacheler em Direito ficaria deslustrado assinando aquelas barbaridades jurídicas, mas sancionou, como director da gazeta, as asneiras odiosas porque assim convinha a uma política que só da mentira e da baixeza vive.

Á está como o *Seculo*, cego pelo ódio, engendra doutrinas jurídicas que atingem os da casa, que colocam

os pacatos componentes da U. I. E. em pé de igualdade com os terríveis "legionários".

Mas eles, lá os das fôrças-vivas, sabem muito bem que a sua doutrina enferma de contrasenso, e que em toda a parte do mundo uma informação da polícia, à face da lei, vale tanto como a informação dum José dos Anzois qualquer. O que se pretende, ao fingir acreditar na im

portância e na infalibilidade das informações policiais, é abusar da ignorância do povo, para concluir por esta monstruosidade: que a polícia pode, como um tribunal regular, condenar quem lhe apeteça ao degrado e à morte. A's fôrças-vivas convém neste momento este critério rasteiro e bárbaro porque a iniquidade e a injustiça não lhes tocam pela porta.

Por outro lado faz o *Seculo*, muito a despropósito, uma especulação sentimental com a miséria dos mutilados e vítimas da grande guerra. E' o supremo escárneo lançado à face das vítimas pelo órgão dos seus carrascos!

Que fazia o director do *Seculo* quando o povo português se batia por uma causa que pertencia apenas aos grandes potentados? Atraiava essa pátria que ele agora finge defender em fáceis artigos de jornal, administrando os bens dum casa alemã, à qual tinha ligados íntimos interesses de família!

Que faziam as fôrças vivas quando esses pobres mutilados, de cuja sorte o *Seculo* agora tanto se comodou, tombavam na Flandres ou nas

plagas africanas? Matavam-lhes os

filhos à fome e forneciam-lhes gêneros avariados!

E' preciso ser-se dum cinismo revoltante para, em nome dos banqueiros que especularam com a guerra, com a carne miserável dos mutilados e dos mortos, com a fome do povo sacrificado, se acusar o Estado dos crimes que só a eles, banqueiros, aproveitaram!

Só uma alma de scelerado pode vir agora a público brandir, numa comédia feroz e macabra, os membros trucidados dos que se inutilizaram na carnificina em holocausto à riqueza, ao bem-estar, ao afrontoso luxo dos que se permitem o capricho de sustentar um grande órgão física robusta, uns pulmões fortes, para que todo o mundo que o escuta ouvisse bem alto a revolta que lhe vai na alma contra as prepotências emanadas dos altos magistrados da república.

Os banqueiros, os comerciantes, os industriais, os da quadrilha que durante a guerra aproveitaram a chacina dos filhos do povo para saquear o povo, falaram ontem pela voz do *Seculo*!

Os 10.000 contos com que as fôrças-vivas compraram o *Seculo* que nos insulta foram arrancados ao sangue dos batalhões que morreram na guerra!

Como são inocentes os crimes da Legião Vermelha junto dos crimes das fôrças vivas!

Os ladrões troçaram ontem dos roubados!

Os assassinos revolveram, como feras insaciáveis, as sepulturas das suas vítimas!

O Crime fez do seu Crime uma farça para divertir-se!  
Morra o Crime!

## Campos de batalha e... campos de petróleo. Como os franceses e ingleses protegem os seus interesses na Arábia

Quando o exército inglês do general Allenby auxiliado por alguns batalhões franceses, atravessou o istmo de Suez que encontrava na sua zona de influência. Em compensação, a França prometeu à Inglaterra que faria uma rede de tubos através do território que estivesse sob o mandato francês na Síria.

Este acordo, certamente, é apenas provisório e não quer dizer de forma alguma que tenha terminado a batalha dos petróleos de Mossul, batalha esta que actualmente ainda continua em Genebra.

Os povos da Ásia-Menor ainda não acabaram de ser intrajados. As divisões religiosas enfraqueceram os povos da Arábia que deseja lutar pela sua independência. Os aliados procuraram por todas as formas fomentar continuamente combates fratricílicos entre estes povos da Arábia, mas daí viraram-se também repetidas vezes contra os turcos opressores, da mesma maneira que hoje se revoltam contra os imperialistas franceses.

Durante a guerra, no momento em que se efectuava a marcha sobre Jerusalém, os aliados conseguiram obter das tribus árabes que elas entrassem na guerra ao lado dos exércitos aliados contra os turcos.

Os árabes pelo tratado do Cairo em 1915, obtiveram a promessa solene dos aliados, de que em troca do seu concorso seria criada uma confederação dos Estados árabes, composta de toda a Arábia, da Síria, do Líbano, da Transjordânia e da Palestina.

Efectivamente a Arábia foi separada do império otomano e os Estados Árabes foram reconhecidos pelos tratados de Versailles a de Sevres, mas os turcos opressores foram substituídos pelos imperialistas ingleses e franceses. As revoltas sucessivas dos árabes, drusos, mussulmanos ou wahabitas, provam que, de há muito tempo, as populações da Arábia compreenderam que tinham sido vergonhosamente intrajadas. Livraram-se dum opressor mas foram cair noutra mais rapace e cruel. Com efeitos os aliados prestam-se de boa vontade a criar uma Confederação dos Estados Árabes, mas sob o seu "protectorado". O fim da Inglaterra e da França é substituir o regime dos mandatos limitados pelos dos "protectorados coloniais". Perante as reivindicações turcas sobre Mossul, a Inglaterra opõe o reconhecimento do reino de Irak sob a sua "proteção" durante 25 anos; a Inglaterra também aceitará o texto do mandato sobre o Irak, com a condição, evidentemente, de que seja ela a potência mandatária; a forma pouco lhe importa, contanto que o monopólio dos petróleos de Mossul continue nas mãos da Anglo-Persian Oil Company.

Evidentemente, o que a Inglaterra desejava era que a vila de Mossul passasse aparentemente para o sceptro de Tayçal, seu acóito, e com quem fez um tratado de aliança.

A recente viagem de Fayçal a Londres é bastante significativa. O imperialismo inglês serviu-se e serve-se ainda de Fayçal contra os franceses. A concorrência dos industriais petrolíferos, e os campos de petróleo da Ásia-Menor que são os mais antigos do mundo, enquanto existir o imperialismo, continuará a servir os campos de batalha.

A Inglaterra ultimamente já não quer parte com os outros. Todos sabem que pelo acordo de San-Remo, em de-

## Notas & Comentários

### A nossa aviação

O "Fairfly-3", tripulado pelos aviadores capitão Craveiro Lopes, tenente Dias Leite e sargento ajudante João dos Santos, que partiu anteontem para Madrid, primeira etapa da "raida" Lisboa-Marracos, caiu em Fregenal de la Sierra, pequena cidade da província de Badajoz. Mais um desastre de aviação. Portugal é o país da Europa onde se voa menos e onde se cai mais. Se a imprensa em vez de cantar patrioticamente os progressos da aviação portuguesa explique ao público que é a aviação comercial no estrangeiro, contribuirá melhor para o desenvolvimento da aviação nacional. De Paris para Londres, de Paris para Berlim, Viana, Roma e de Londres para a Norte América fazem-se carreiras regulares, constantes, obedecendo a horários como os comboios. De Paris para Londres e vice-versa as carreiras são de hora-hora—e os desastres são tão raros, como os de caminho de ferro. Em Portugal quando se vê, os jornais trazem parangonas anunciando a "heroica" partida e no dia seguinte mais parangonas relatando o "lamentável desastre".

### Para a Guiné...

A propósito do tópico artigo de fundo de anteontem do órgão das fôrças vivas, dizia ontem o Mundo:

O órgão das fôrças vivas, num quadro apavorante, dizia ontem que, em 12 meses, haviam explodido em Lisboa 146 bombas. Está certo. Faltou, porém, ao referido órgão, dizer quantas dessas bombas rebentaram por sua conta própria... Sim, porque o documento encontrado em casa do membro do conselho administrativo do *Seculo*, sr. Carlos de Oliveira, é elucidativo. O Mundo publicou-o e, se l'õ necessário, tornará a apresentá-lo ao público, para que o país saiba quem são, afinal, os bombistas...

Não compreendemos também por que motivo o sr. Carlos de Oliveira não foi parar à Guiné...

## A propósito do caso de Setúbal escrevem-nos uma carta que alguma luz pode fazer

João Maria Major, que a polícia fez remover para o governo civil de Lisboa acusado de conivência no atentado praticado há dias em Setúbal, envia-nos do calabouço 6 a carta que a seguir reproduzimos:

**Camada redactor**—Todas as pessoas que me conhecem, pasmaram, de certo, com a grande reportagem dos jornais reacionários a propósito dum suspeito que um industrial de Setúbal apanhou, em virtude de duas pequenas detonações perto dos seus ouvidos. Os grandes rotativos preencheram um pouco a grande falta de assunto com que entreter os seus leitores e facultaram-lhes mais um momento de prazer, por poderem bolar insidias contra militantes da organização operária.

Eu fui—no dizer desses jornais—o instigador do crime que um desvairado comeceu, depois de ter dito a muitas pessoas o que nacionava fazer.

Eu fui—segundo a imprensa—quem forneceu a armas que o criminoso, muito tempo antes do crime, procurava conseguir de várias pessoas, sem explicar os motivos que o levavam a munir-se dela.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E nada me valeu o protestar contra tal acusação. O desvairado via desaparecer o pavor que lhe causava o aparato policial à sua volta, e sentia-se bem diante dos aplausos da finge complacência das autoridades e do alvejado que assistiu aos seus interrogatórios.

E prosseguiu sempre, uma série de por menores inventados de momento, que ele apresentou como factos verdadeiros, o que é fácil para quem está em tal situação, e já mais quando procura ferir um homem que está na sua presença, preso nas mãos dos que mais desejam aniquilá-lo.

E já não foi preciso mais, nem investigações, nem qualquer pequena diligência que possa trazer mais luz ao acaso.

As acusações de um homem, sem qualquer outra prova, foram o suficiente para me arrastar à prisão em condições que já por mais de uma vez prenderam colocar-me. Fui, contra todas as disposições legais, entregue à polícia de Lisboa, quando sou acusado dum delito cometido em Setúbal.

Há muito para dizer a propósito desse fantástico caso, mas não tenho pressa.

Hoje quero só fazer mais umas leves apreciações, que não deixarão de ser de interesse para os leitores de *A Batalha*.

\* \* \*

Fui remetido para Lisboa, e estou sob a ameaça de ser deportado arbitrariamente, como tantos outros. A polícia de S. E. está empenhada em limpar o país de todos os perigosos «que põem em perigo a vida dos idosos».

Pois fiquei sabendo: Sinto-me satisfeito.

A polícia é energica, valente e não consente que se façam exceções.

Os dirigentes da secção dos Industriais de Conservas de Setúbal—contando o próprio que há dias apanhou o susto—em 1921, quando da introdução dos vapores de pescaria em Setúbal, que foi a causa de um grave conflito entre operários da terra e mar, os industriais de Setúbal, por essa ocasião, armaram operários e mandaram-nos atacar os marítimos. Esses vão decerto fazer-me companhia.

Aqueles industriais, por essa mesma ocasião, organizaram um grupo de operários que algumas vezes fizeram reinar em volta dum mesa com pistolas, revólveres, punhais e vinho. E nessas reuniões incitavam os a perseguir os marítimos, porque a Secção «tinha muito dinheiro para os livros da cadeia». «Aos marítimos afira-se-lhes para a cabeça para não coxearem»— diziam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema político nem influir levemente sequer na organização da indústria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odiavam.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cu

## A guerra de Marrocos

Abd-el-Krim vai de novo atacar Tetuão

FEZ, 17.—Depois dum brilhante assalto, as tropas francesas ocuparam o massão de Bibane.

No campo mouro anunciam um próximo ataque de Abd-el-Krim contra Tetuão.

Tribus que traem a sua causa

TANGER, 17.—Os desacostamentos franco-espanhóis operando a margem esquerda do Loukous inflingiram sérias perdas ao inimigo.

Os "beni-mistrata" e "masmouda" apresentaram os seus protestos de submissão.

Os franceses cantam hossanas aos feitos das suas tropas

FEZ, 17.—O intenso bombardeamento pela aviação do massão de Bibane preparou a sua tomada pela infantaria, vindas do norte, e pela cavalaria, vindas do sul, que nele fizeram a sua junção.

Os mouros das tribus dos "benimes", "guildá" e "benerbia" regressaram às suas aldeias.

No centro, submeteram-se os "beni-bráhem".

O êxito da tomada do massão de Bibane constitui não só um importante feito militar, mas uma considerável vantagem política pois coloca de novo na posse das forças francesas toda a região dos "beni-ourghels" cuja defecção havia perturbado largamente a política na linha de batalha de Ourghera.

Os mouros lutam com energia em Tetuão, interrompendo as comunicações com Tanger

TANGER, 17.—Continuam encarniçadamente os combates entre rifeiros e franceses em torno do massão de Bibane.

Entre Tanger e Tetuão acham-se interrompidas as comunicações, em virtude da sanguinolenta batalha travada entre as tropas espanholas e as tribus de djeballas.

### CONFERÊNCIAS

#### O espírito desportivo no nosso meio

Amanhã realiza-se na sede do Grupo Ex-cursionista «8 de Setembro de 1906», uma conferência sob o tema "Como eu interpreto o espírito desportivo no nosso meio", que será feita por um conhecido desportista.

A direcção daquele grupo convida a assistar à imprensa, direcções de clubes e desportistas da capital, fazendo a entrada mediante apresentação dos respectivos cartões de identidade.

### MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

«O Porvir da Família Telégrafo-Postal»—Na reunião da assembleia geral efectuada em 15 do corrente para discussão e aprovação do novo estatuto desta instituição, foi no final da assembleia nomeada uma comissão de revisão e redacção.

### INSTRUÇÃO

Cursos para os empregados de escritório

Continuam abertas as matrículas todos os dias úteis das 21 às 23 horas, para a admissão de alunos nas aulas de escrituração, contabilidade, português, francês e inglês mantidas pela Associação da Classe dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1º.

### A QUESTÃO DA CHINA

WASHINGTON, 17.—O governo americano aceitou a proposta japonesa para nomeação dum comissão internacional encarregada de estudar a abolição do direito de extra-territorialidade na China.

### Kropotkine

Por absoluta falta de espaço, privamos hoje os nossos presos leitores da biografia desta fulgurante figura do movimento libertário.

### Uma greve monstruosa

que assusta os armadores ingleses

LONDRES, 17.—Os armadores britânicos seriamente inquietos com a continuação da greve dos trabalhadores marítimos na África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, deliberaram reduzir o número dos navios comerciais com aqueles domínios.

### Cobrança para as colónias

Chegou-nos agora devolvida do correio uma cobrança de recibos que destinávamos aos nossos assinantes na Guiné.

Ora, não chegamos a compreender as razões que fizeram a suspender-se este serviço sem que para tal se tenha avisado o público por meio da imprensa.

Aconteceu, com esta beleza, que nos fizemos comprar certa quantia de sélos que foram inutilizados estúpidamente...

Não há dúvida que isto vai cada vez melhor...

### Banda de música da brigada da Guarda Naval

Programa a executar hoje por esta Banda na parada do Quartel, das 15 às 17 horas: Nino Júlio, Luma; Sinfonia sobre motivos de várias zarzuelas, Don Tomás; Cantos do Alentejo, rapsódia, Morais; Boheme; Fantasia da ópera, Puccini; La Montaria, zarzuela, Guerrero; Krujer, marcha, Pablo.

### Novecentas povoações submersas

PEQUIM, 17.—Novecentas cidades e aldeias da província de Shantung estão submersas em consequência da se ter rompido um dique de defesa da margem do rio Amarelo, perto de Yun-Tsing-Sien. Milhares de pessoas encontram-se sem abrigo.

camaradas José Pereira, António Júlio e Francisco Dias, e António Fernandes.

A juntar aos organismos acima citados temos hoje mais os seguintes:

«União Martínia de Buarcos, aprovou a moção e nomeou delegado o camarada António Charona da Costa; Sindicato dos Contramestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, aprovou a moção e nomeou delegado o camarada Silvino Noronha.»

—A Comissão de Relações dos Sindicatos Marítimos e Fluviais do Sul (Discordantes da atitude da F. M.) reúne-se hoje pelas 20 horas.

## Relatório moral do Comité Confederal para ser apreciado no próximo Congresso Confederal

### Análise geral

Vai fazer três anos que teve lugar o congresso da Covilhã, no qual comparticiparam quase todos os sindicatos do país.

Desde então importantes e numerosos factos se têm produzido, alguns dos quais ainda preocupam tódas a organização.

Mas todos elas merecem ser, cuidada emeticamente, analisados no superior interesse dos trabalhadores e dos princípios que orientam a C. G. T.

Neste lapso de tempo, que marca uma "época" na vida da organização confederal, o capitalismo demonstrou claramente o que pretende para o proletariado, sob o ponto de vista social e económico. Sentindo-se possuidor de todos os órgãos do Estado e vendo que o proletariado se encaminha mais decididamente para a Revolução, não teve dúvida em desmentir clínicamente, tódas as afirmações democráticas feitas pela burguesia liberal há mais dum século e que haviam atraído a simpatia de muitos revolucionários, fazendo das leis e das constituições republicanas farpas nojentas perante o Conselho que raras vezes deixou de reunir por falta de número.

### Constituição do Conselho Confederal

Só oito dias depois de nomeado no Congresso da Covilhã, o Comité Confederal o Comité cessante, lhe deu posse do seu cargo. O seu primeiro cuidado foi a constituição do Conselho Confederal.

Com esse objectivo, trabalhou afincadamente e pouco mais dum mês depois de ter tomado posse, estava constituído o Conselho Confederal dando-se a primeira reunião a dezasseis de Novembro de 1922 com a presença de 11 organismos. O Comité prestou-lhe contas dos seus actos por meio de relatório circunstanciado e desde então, tódas a ação confederal tem sido orientada perante o Conselho que raras vezes deixou de reunir por falta de número.

### Aumento da cota confederal

O Congresso da Covilhã, ao aprovar as que instituiu a caixa de solidariedade, aprovou um aumento na cota confederal de 6 centavos; mas tendo-se em conta o aumento de tódas as coisas, que tornava a cota de 2 centavos semanais por confederal impotente para enfrentar as despesas desmedidamente aumentadas por aquela circunstância, o Comité Confederal de então lembrou ao Conselho a necessidade do aumento da cota para quinze centavos incluindo os 6 centavos para solidariedade. O Conselho, depois dumha discussão minuciosa, aprovou o aumento proposto e só assim foi possível atender às necessidades de propaganda e organização sempre crescentes e imprescindíveis.

Esta nova cota começou a vigorar nos princípios de 1923; alguns organismos encontraram dificuldades, a princípio, no seu pagamento, que é desculpável, a pesar da importância não ser grande, devido à brevidade com que ela foi aumentada. Mas dentro modo não foi possível proceder sem prejuízo para a ação confederal.

São numerosas as vítimas nas nossas fileiras em consequência desta luta. Muitos perderam a vida, outros a liberdade e ainda ameaçados com a morte, e não têm conto os que andam errantes de oficina em oficina em procura do trabalho que a vingança patronal criminosa lhes nega.

Como a mais potente força organizada no país, a C. G. T. tem por vezes exercido uma decidida influência na vida nacional, sem quebra da sua autonomia, que presa, nem desvios da sua orientação sindicalista libertária. Senhora da mais absoluta independência, vis-à-vis os partidos políticos, por mais esquerdistas que se apresentassem, só teve em vista coordenar as energias proletarianas para a conquista insomável do seu bem estar de todos.

Estabeleceram-se as mais estreitas relações com os trabalhadores doutros países e que bem necessárias são para, mais eficazmente, ser enfrentada a reacção internacional que tem em cezar muitas das regalias alcançadas à custa de notáveis sacrifícios.

Porém, não foi a luta contra o capitalismo e o Estado que ocupou as energias da C. G. T.; outros factos, importantes para a organização, prenderam também a sua atenção.

Trata-se do movimento, scissionista se pode chamar, a que se votaram alguns organismos e indivíduos isolados. Este fenômeno, filio da revolução dos comunistas autoritários na Rússia, tem agitado a organização operária de todos os países, acabou por igualmente se fazer sentir entre nós e, por momentos, com grande uma intensidade de que a insidiosa é a mais responsável.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a ação dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes que se afirmam revolucionários, têm feito tódas a diligência e insinuado perante a parte, para círiarem o partidarismo na organização confederal, lançando, desse modo, no seio da C. G. T., tódas a espécie de discórdias que só visam o esfacelamento do movimento sindicalista libertário.



# A BATALHA

## A situação da criança e da mulher em face do Congresso Confederal

Ultimam-se os trabalhos para a efectivação do 1.º Congresso Confederal, IV Nacional.

Já meditam sobre as teses a apresentar muitas das mentalidades que formam na vanguarda do proletariado.

E' que se trata de uma assemblea importantíssima. E' a maior de todos os Sindicatos que formam a Confederação Geral do Trabalho. Porém, é neste momento necessário, imprescindível mesmo, que algo digamos, sobre assuntos que lá vão ser debatidos. Não o fazemos, porque diverjamos os mesmos, mas sim porque queremos frisar alguns pontos mais importantes, que lhe dizem respeito. E' preciso que nos, adultos, protejamos, tanto quanto temos forças, fôr mister, "as crianças de hoje, que serão os homens de amanhã. Por essa parte, depaupera-se a criança, faz-se andar a mesma nos mais exóticos mistérios, dando-lhe em troca do seu esforço sobre-humano, uma ridicularia. Porém não devemos encarar a questão pelo lado material, mas sim no que ela tem de impróprio e prejulgado.

Pesa sobre os mesmos a missão de vernalizar este momento assunto. Também, os mesmos têm trabalhos, relativos às oficinas, em que se trabalha.

Neste assunto é necessário um côr unísono, no sentido de fazer com que sejam deitadas abaixo as vestutas e anti-higiênicas oficinas, e substituídas por outras, que sejam compatíveis com as exigências da actualidade. Devemos trabalhar em oficinas onde o ar possa entrar à vontade em nossos pulmões o que não acontece hoje nessas pocilhas infames onde tanto homem envelhece prematuramente.

Não podemos contar com os governantes

que eles é hão muitos nos deram mostras da sua indiferença por tudo que não trezanda a escândalo de volume, do qual se possa tirar bom partido. Temos que contar com a fôrça operária organizada, para fazer com que sejam modificadas as oficinas em que se trabalha actualmente.

E' necessário que alguma causa de concreto e positivo saia da reunião magna do proletariado. Pesa sobre a fôrça confederal a missão espinhosíssima da propaganda para que sejam desbravados os horizontes dum a sociedade mais justa, mas também e sobretudo é preciso que neste interregno salvemos a criança, preparando-lhe o caminho para a triunfar, sem grande esforço até conquistar o seu Élf. Se não tomarmos a este missão termos amanhã que contar com uma geração de mentecapitos muito enfezados, muito automatos, e por consequência incapazes de tomarem o nosso trabalho em princípio e darem-lhe a continuidade que é mister.

A criança de hoje entra para a oficina, ordinariamente, des 6 a 7 anos. E' justamente na idade em que se encontra apta a aprender a ler e a enfrumar para o labirinto "dantesco" das oficinas. Ali, depois, apanhada, e conduzida ao trabalho, e sacrificando tateia a ferramenta, com que ha-de mais tarde ganhar para viver. Porém vem a costumeira, e aquele miúdo que vimos choramingas e piegas está já amalhando, riscando díchotes, gosta e sente prazer até que o oficial da especialidade o mimose com pancadas e lhe cirja palavrões indecentes. A criança nessa altura já procura um desculpo do oficial para lhe surripiar o cigarro, que petulamente acende, as escondidas em qualquer recanto da oficina.

E' ei-lo chupando, com frenesi, num ânsia medonha de aurir o fumo e acclimatá-lo ao fôrdo cheiro. Cresce e ei-lo homem feito sabendo sómente fumar com elegância, e atirar frases, um tanto grosseiras; a primeira rapariga que o cativa. Ainda se porventura, alguma cousa de lér lhe ensinaram, foi de mistura com o ceticismo, e quando chega a conhecer as vinte e cinco letras do alfabeto, já tem enguiado para cima do tripulo de hostias santas. De maneira que ao cabo e ao fim é alfabeto.

Com todos os estímulos para a degradação moral, nem na escola vimos aquele

puritanismo tão necessário, para a completa educação do homem. Sim, porque em muitas escolas — senão na maior parte — ensina-se a respeitar a actual estrutura, a ser submissos perante o patrão.

E' na educação que reside o futuro do homem. E' também necessário que ajudemos a quebrar os grilhões à escola conceitual, levando para os museus as palmtórias dos mestres.

Devemos preferir a escola racional, que ensina com proficiência, para que o educado não se assemelhe ao objecto frágil que ao primeiro choque se esmigalha. Na escola de hoje já existe a coeducação, o que é alguma coisa, mas ainda lá vemos laivos, ou castas, que ensinam a reconhecer aquelloutro que é pobre ou aquelloutro que é rica e afealdada.

Pesa sobre os mesmos a missão de vernalizar este momento assunto. Também, os mesmos têm trabalhos, relativos às oficinas, em que se trabalha.

Neste assunto é necessário um côr unísono, no sentido de fazer com que sejam deitadas abaixo as vestutas e anti-higiênicas oficinas, e substituídas por outras, que sejam compatíveis com as exigências da actualidade. Devemos trabalhar em oficinas onde o ar possa entrar à vontade em nossos pulmões o que não acontece hoje nessas pocilhas infames onde tanto homem envelhece prematuramente.

Não podemos contar com os governantes que eles é hão muitos nos deram mostras da sua indiferença por tudo que não trezanda a escândalo de volume, do qual se possa tirar bom partido. Temos que contar com a fôrça operária organizada, para fazer com que sejam modificadas as oficinas em que se trabalha actualmente.

E' necessário que alguma causa de concreto e positivo saia da reunião magna do proletariado. Pesa sobre a fôrça confederal a missão espinhosíssima da propaganda para que sejam desbravados os horizontes dum a sociedade mais justa, mas também e sobretudo é preciso que neste interregno salvemos a criança, preparando-lhe o caminho para a triunfar, sem grande esforço até conquistar o seu Élf. Se não tomarmos a este missão termos amanhã que contar com uma geração de mentecapitos muito enfezados, muito automatos, e por consequência incapazes de tomarem o nosso trabalho em princípio e darem-lhe a continuidade que é mister.

A criança de hoje entra para a oficina, ordinariamente, des 6 a 7 anos. E' justamente na idade em que se encontra apta a aprender a ler e a enfrumar para o labirinto "dantesco" das oficinas. Ali, depois, apanhada, e conduzida ao trabalho, e sacrificando tateia a ferramenta, com que ha-de mais tarde ganhar para viver. Porém vem a costumeira, e aquele miúdo que vimos choramingas e piegas está já amalhando, riscando díchotes, gosta e sente prazer até que o oficial da especialidade o mimose com pancadas e lhe cirja palavrões indecentes. A criança nessa altura já procura um desculpo do oficial para lhe surripiar o cigarro, que petulamente acende, as escondidas em qualquer recanto da oficina.

E' ei-lo chupando, com frenesi, num ânsia medonha de aurir o fumo e acclimatá-lo ao fôrdo cheiro. Cresce e ei-lo homem feito sabendo sómente fumar com elegância, e atirar frases, um tanto grosseiras; a primeira rapariga que o cativa. Ainda se porventura, alguma cousa de lér lhe ensinaram, foi de mistura com o ceticismo, e quando chega a conhecer as vinte e cinco letras do alfabeto, já tem enguiado para cima do tripulo de hostias santas. De maneira que ao cabo e ao fim é alfabeto.

Com todos os estímulos para a degradação moral, nem na escola vimos aquele

puritanismo tão necessário, para a completa educação do homem. Sim, porque em muitas escolas — senão na maior parte — ensina-se a respeitar a actual estrutura, a ser submissos perante o patrão.

E' na educação que reside o futuro do homem. E' também necessário que ajudemos a quebrar os grilhões à escola conceitual, levando para os museus as palmtórias dos mestres.

Devemos preferir a escola racional, que ensina com proficiência, para que o educado não se assemelhe ao objecto frágil que ao primeiro choque se esmigalha. Na escola de hoje já existe a coeducação, o que é alguma coisa, mas ainda lá vemos laivos, ou castas, que ensinam a reconhecer aquelloutro que é pobre ou aquelloutro que é rica e afealdada.

Pesa sobre os mesmos a missão de vernalizar este momento assunto. Também, os mesmos têm trabalhos, relativos às oficinas, em que se trabalha.

Neste assunto é necessário um côr unísono, no sentido de fazer com que sejam deitadas abaixo as vestutas e anti-higiênicas oficinas, e substituídas por outras, que sejam compatíveis com as exigências da actualidade. Devemos trabalhar em oficinas onde o ar possa entrar à vontade em nossos pulmões o que não acontece hoje nessas pocilhas infames onde tanto homem envelhece prematuramente.

Não podemos contar com os governantes que eles é hão muitos nos deram mostras da sua indiferença por tudo que não trezanda a escândalo de volume, do qual se possa tirar bom partido. Temos que contar com a fôrça operária organizada, para fazer com que sejam modificadas as oficinas em que se trabalha actualmente.

E' necessário que alguma causa de concreto e positivo saia da reunião magna do proletariado. Pesa sobre a fôrça confederal a missão espinhosíssima da propaganda para que sejam desbravados os horizontes dum a sociedade mais justa, mas também e sobretudo é preciso que neste interregno salvemos a criança, preparando-lhe o caminho para a triunfar, sem grande esforço até conquistar o seu Élf. Se não tomarmos a este missão termos amanhã que contar com uma geração de mentecapitos muito enfezados, muito automatos, e por consequência incapazes de tomarem o nosso trabalho em princípio e darem-lhe a continuidade que é mister.

A criança de hoje entra para a oficina, ordinariamente, des 6 a 7 anos. E' justamente na idade em que se encontra apta a aprender a ler e a enfrumar para o labirinto "dantesco" das oficinas. Ali, depois, apanhada, e conduzida ao trabalho, e sacrificando tateia a ferramenta, com que ha-de mais tarde ganhar para viver. Porém vem a costumeira, e aquele miúdo que vimos choramingas e piegas está já amalhando, riscando díchotes, gosta e sente prazer até que o oficial da especialidade o mimose com pancadas e lhe cirja palavrões indecentes. A criança nessa altura já procura um desculpo do oficial para lhe surripiar o cigarro, que petulamente acende, as escondidas em qualquer recanto da oficina.

E' ei-lo chupando, com frenesi, num ânsia medonha de aurir o fumo e acclimatá-lo ao fôrdo cheiro. Cresce e ei-lo homem feito sabendo sómente fumar com elegância, e atirar frases, um tanto grosseiras; a primeira rapariga que o cativa. Ainda se porventura, alguma cousa de lér lhe ensinaram, foi de mistura com o ceticismo, e quando chega a conhecer as vinte e cinco letras do alfabeto, já tem enguiado para cima do tripulo de hostias santas. De maneira que ao cabo e ao fim é alfabeto.

Com todos os estímulos para a degradação moral, nem na escola vimos aquele

puritanismo tão necessário, para a completa educação do homem. Sim, porque em muitas escolas — senão na maior parte — ensina-se a respeitar a actual estrutura, a ser submissos perante o patrão.

E' na educação que reside o futuro do homem. E' também necessário que ajudemos a quebrar os grilhões à escola conceitual, levando para os museus as palmtórias dos mestres.

Devemos preferir a escola racional, que ensina com proficiência, para que o educado não se assemelhe ao objecto frágil que ao primeiro choque se esmigalha. Na escola de hoje já existe a coeducação, o que é alguma coisa, mas ainda lá vemos laivos, ou castas, que ensinam a reconhecer aquelloutro que é pobre ou aquelloutro que é rica e afealdada.

Pesa sobre os mesmos a missão de vernalizar este momento assunto. Também, os mesmos têm trabalhos, relativos às oficinas, em que se trabalha.

Neste assunto é necessário um côr unísono, no sentido de fazer com que sejam deitadas abaixo as vestutas e anti-higiênicas oficinas, e substituídas por outras, que sejam compatíveis com as exigências da actualidade. Devemos trabalhar em oficinas onde o ar possa entrar à vontade em nossos pulmões o que não acontece hoje nessas pocilhas infames onde tanto homem envelhece prematuramente.

Não podemos contar com os governantes que eles é hão muitos nos deram mostras da sua indiferença por tudo que não trezanda a escândalo de volume, do qual se possa tirar bom partido. Temos que contar com a fôrça operária organizada, para fazer com que sejam modificadas as oficinas em que se trabalha actualmente.

E' necessário que alguma causa de concreto e positivo saia da reunião magna do proletariado. Pesa sobre a fôrça confederal a missão espinhosíssima da propaganda para que sejam desbravados os horizontes dum a sociedade mais justa, mas também e sobretudo é preciso que neste interregno salvemos a criança, preparando-lhe o caminho para a triunfar, sem grande esforço até conquistar o seu Élf. Se não tomarmos a este missão termos amanhã que contar com uma geração de mentecapitos muito enfezados, muito automatos, e por consequência incapazes de tomarem o nosso trabalho em princípio e darem-lhe a continuidade que é mister.

A criança de hoje entra para a oficina, ordinariamente, des 6 a 7 anos. E' justamente na idade em que se encontra apta a aprender a ler e a enfrumar para o labirinto "dantesco" das oficinas. Ali, depois, apanhada, e conduzida ao trabalho, e sacrificando tateia a ferramenta, com que ha-de mais tarde ganhar para viver. Porém vem a costumeira, e aquele miúdo que vimos choramingas e piegas está já amalhando, riscando díchotes, gosta e sente prazer até que o oficial da especialidade o mimose com pancadas e lhe cirja palavrões indecentes. A criança nessa altura já procura um desculpo do oficial para lhe surripiar o cigarro, que petulamente acende, as escondidas em qualquer recanto da oficina.

E' ei-lo chupando, com frenesi, num ânsia medonha de aurir o fumo e acclimatá-lo ao fôrdo cheiro. Cresce e ei-lo homem feito sabendo sómente fumar com elegância, e atirar frases, um tanto grosseiras; a primeira rapariga que o cativa. Ainda se porventura, alguma cousa de lér lhe ensinaram, foi de mistura com o ceticismo, e quando chega a conhecer as vinte e cinco letras do alfabeto, já tem enguiado para cima do tripulo de hostias santas. De maneira que ao cabo e ao fim é alfabeto.

Com todos os estímulos para a degradação moral, nem na escola vimos aquele

puritanismo tão necessário, para a completa educação do homem. Sim, porque em muitas escolas — senão na maior parte — ensina-se a respeitar a actual estrutura, a ser submissos perante o patrão.

E' na educação que reside o futuro do homem. E' também necessário que ajudemos a quebrar os grilhões à escola conceitual, levando para os museus as palmtórias dos mestres.

Devemos preferir a escola racional, que ensina com proficiência, para que o educado não se assemelhe ao objecto frágil que ao primeiro choque se esmigalha. Na escola de hoje já existe a coeducação, o que é alguma coisa, mas ainda lá vemos laivos, ou castas, que ensinam a reconhecer aquelloutro que é pobre ou aquelloutro que é rica e afealdada.

Pesa sobre os mesmos a missão de vernalizar este momento assunto. Também, os mesmos têm trabalhos, relativos às oficinas, em que se trabalha.

Neste assunto é necessário um côr unísono, no sentido de fazer com que sejam deitadas abaixo as vestutas e anti-higiênicas oficinas, e substituídas por outras, que sejam compatíveis com as exigências da actualidade. Devemos trabalhar em oficinas onde o ar possa entrar à vontade em nossos pulmões o que não acontece hoje nessas pocilhas infames onde tanto homem envelhece prematuramente.

Não podemos contar com os governantes que eles é hão muitos nos deram mostras da sua indiferença por tudo que não trezanda a escândalo de volume, do qual se possa tirar bom partido. Temos que contar com a fôrça operária organizada, para fazer com que sejam modificadas as oficinas em que se trabalha actualmente.

E' necessário que alguma causa de concreto e positivo saia da reunião magna do proletariado. Pesa sobre a fôrça confederal a missão espinhosíssima da propaganda para que sejam desbravados os horizontes dum a sociedade mais justa, mas também e sobretudo é preciso que neste interregno salvemos a criança, preparando-lhe o caminho para a triunfar, sem grande esforço até conquistar o seu Élf. Se não tomarmos a este missão termos amanhã que contar com uma geração de mentecapitos muito enfezados, muito automatos, e por consequência incapazes de tomarem o nosso trabalho em princípio e darem-lhe a continuidade que é mister.

A criança de hoje entra para a oficina, ordinariamente, des 6 a 7 anos. E' justamente na idade em que se encontra apta a aprender a ler e a enfrumar para o labirinto "dantesco" das oficinas. Ali, depois, apanhada, e conduzida ao trabalho, e sacrificando tateia a ferramenta, com que ha-de mais tarde ganhar para viver. Porém vem a costumeira, e aquele miúdo que vimos choramingas e piegas está já amalhando, riscando díchotes, gosta e sente prazer até que o oficial da especialidade o mimose com pancadas e lhe cirja palavrões indecentes. A criança nessa altura já procura um desculpo do oficial para lhe surripiar o cigarro, que petulamente acende, as escondidas em qualquer recanto da oficina.

E' ei-lo chupando, com frenesi, num ânsia medonha de aurir o fumo e acclimatá-lo ao fôrdo cheiro. Cresce e ei-lo homem feito sabendo sómente fumar com elegância, e atirar frases, um tanto grosseiras; a primeira rapariga que o cativa. Ainda se porventura, alguma cousa de lér lhe ensinaram, foi de mistura com o ceticismo, e quando chega a conhecer as vinte e cinco letras do alfabeto, já tem enguiado para cima do tripulo de hostias santas. De maneira que ao cabo e ao fim é alfabeto.

Com todos os estímulos para a degradação moral, nem na escola vimos aquele

puritanismo tão necessário, para a completa educação do homem. Sim, porque em muitas escolas — senão na maior parte — ensina-se a respeitar a actual estrutura, a ser submissos perante o patrão.

E' na educação que reside o futuro do homem. E' também necessário que ajudemos a quebrar os grilhões à escola conceitual, levando para os museus as palmtórias dos mestres.

Devemos preferir a escola racional, que ensina com proficiência, para que o educado não se assemelhe ao objecto frágil que ao primeiro choque se esmigalha. Na escola de hoje já existe a coeducação, o que é alguma coisa, mas ainda lá vemos laivos, ou castas, que ensinam a reconhecer aquelloutro que é pobre ou aquelloutro que é rica e afealdada.

Pesa sobre os mesmos a missão de vernalizar este momento assunto. Também, os mesmos têm trabalhos, relativos às oficinas, em que se trabalha.

Neste assunto é necessário um côr unísono, no sentido de fazer com que sejam deitadas abaixo as vestutas e anti-higiênicas oficinas, e substituídas por outras, que sejam compatíveis com as exigências da actualidade. Devemos trabalhar em oficinas onde o ar possa entrar à vontade em nossos pulmões o que não acontece hoje nessas pocilhas infames onde tanto homem envelhece prematuramente.

Não podemos contar com os governantes que eles é hão muitos nos deram mostras da sua indiferença por tudo que não trezanda a escândalo de volume, do qual se possa tirar bom partido. Temos que contar com a fôrça operária organizada, para fazer com que sejam modificadas as oficinas em que se trabalha actualmente.

E' necessário que alguma causa de concreto e positivo saia da reunião magna do proletariado. Pesa sobre a fôrça confederal a missão espinhosíssima da propaganda para que sejam desbravados os horizontes dum a sociedade mais justa, mas também e sobretudo é preciso que neste interregno salvemos a criança, preparando-lhe o caminho para a triunfar, sem grande esforço até conquistar o seu Élf. Se não tomarmos a este missão termos amanhã que contar com uma geração de mentecapitos muito enfezados, muito automatos, e por consequência incapazes de tomarem o nosso trabalho em princípio e darem-lhe a continuidade que é mister.

A criança de hoje entra para a oficina, ordinariamente, des 6 a 7 anos. E' justamente na idade em que se encontra apta a aprender a ler e a enfrumar para o labirinto "dantesco" das oficinas. Ali, depois, apanhada, e conduzida ao trabalho, e sacrificando tateia a ferramenta, com que ha-de mais tarde ganhar para viver. Porém vem a costumeira, e aquele miúdo que vimos choramingas e piegas está